Cadernos Espinosanos

ESTUDOS SOBRE O SÉCULO XVII

n. 53 jul-dez 2025 ISSN 1413-6651

IMAGEM a capa celebrativa dos 30 anos do *Grupo de Estudos Espinosanos* justapõe detalhes de três imagens empregadas em diferentes momentos dos *Cadernos Espinosanos*. O *Retrato de Espinosa* (1956) por Pablo Picasso, utilizado nas capas dos n. 1-7, de 1996 a 2001. Duas imagens de Johannes Vermeer: *O geógrafo* (1668), capa n. 29, 2014; e *Moça lendo uma carta à janela* (1659), capa n . 8, 2002, que foi um número especial da revista, apresentando apenas textos com autoria de mulheres.

A EXPANSÃO

ORGANIZAÇÃO

Benito Maeso
Professor, Universidade Federal do Paraná/
Instituto Federal do Paraná, Curitiba, Brasil
benito.ly@gmail.com

Gabriel Frizzarin de Souza[1]
Doutorando, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil/
Université Paris 1 - Panthéon-Sorbonne, Paris, França
gabriel.frizzarin.souza@usp.br

José Marcelo Siviero
Pós-doutorando, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil
sivierojm@gmail.com

relatos de

MARILENA CHAUI
HOMERO SANTIAGO
ÉRICKA ITOKAZU
FERNANDO DIAS ANDRADE
CRISTIANO NOVAES DE REZENDE
LUÍS CÉSAR OLIVA
TESSA LACERDA
MARIANA DE GAINZA
MARCOS FERREIRA DE PAULA
SILVANA DE SOUZA RAMOS

1 FAPESP processo 2022/16875-5.

DE QUE FORMA OCORREU A EXPANSÃO TEMÁTICA DO *GRUPO DE ESTUDOS ESPINOSANOS*? COMO A AMPLIAÇÃO DE HORIZONTES IMPACTOU O DESENVOLVIMENTO DAS PESQUISAS DO PRÓPRIO GRUPO E DE SEUS INTEGRANTES?

MARILENA CHAUI: O *Grupo* cresceu com a vinda de outros estudantes que pesquisavam sobre o século XVII: Douglas, Tessa, Luciana, Baioni, Bárbara, Luís César. Seus projetos de tese e textos vinculados ao projeto eram discutidos durante as reuniões (esse formato permaneceu sempre como estilo de nossos encontros).

Cada um trazia ao *Grupo*, à medida que se tornavam professores, seus próprios orientandos, alguns deles com pesquisas sobre a tradição filosófica hebraica. Essa multiplicidade enriqueceu nosso conhecimento não só de Espinosa, mas também do mundo filosófico e científico do XVII – as heranças, as rupturas, o novo.

Baioni "pôs ordem na casa": definiu calendários dos seminários, local e horário das reuniões, distribuição prévia dos textos de discussão, organização de nossos contatos com outros estudiosos do XVII em outras universidades no Brasil e no exterior, bem como organização de colóquios e congressos nacionais e um congresso internacional sobre Espinosa.

Essa organização de nossos trabalhos foi continuada, ampliada e refinada quando Luís César, que iniciava sua pesquisa sobre Espinosa, assumiu a tarefa insana de aprimorar nossa existência intelectual e institucional, que nos transformou no *Grupo de Estudos Espinosanos.* A ele devemos a supervisão e correção da tradução da *Ética* e sua publicação em edição bilíngue. Com Homero, coordenou nossa participação nos projetos temáticos da Fapesp (o primeiro sobre a ideia experiência e a da razão no pensamento moderno e o segundo sobre a de natureza e a de história a partir de sua

formulação pelo Grande Racionalismo Seiscentista), bem como de colóquios e congressos nacionais (como a reunião anual da Anpof) e de eventos internacionais, além da visita de professores estrangeiros, que também nos recebiam para colóquios, congressos e publicações, bem como para a recepção de nossos bolsistas.

Quero aqui salientar o que considero o aspecto decisivo do grupo espinosano ou do *Grupo de Estudos Espinosanos*: a presença de um afeto alegre, a generosidade, como forma de relação entre os participantes. Num ambiente universitário submetido à competição, à exclusão, à agressividade (com o pomposo nome de "rigor") para com quem pensa de outro jeito, ao deboche contra os que trilham caminhos não costumeiros, nosso *Grupo* foi marcado (e continua assim) pela capacidade de escutar e ler cada um de nós – veteranos e calouros, professores e alunos, uspianos e não-uspianos – para entender e compartilhar o pensamento e a escrita, auxiliar com correções e aprimoramento de ideias e linguagem das pesquisas e dos artigos, com a doação de bibliografias, livros, artigos e mesmo de textos em preparação. Numa palavra, desde sempre o bem-querer e a amizade têm sido a virtude de nossa pequena *multitudo* igualitária.

HOMERO SANTIAGO: A partir da decisão de prosseguir a leitura de Espinosa, passamos a nos reunir regularmente. Por uns dois ou três anos o fizemos alternando na escolinha dos pais Éricka e no Centro Cultural São Paulo, dedicando-nos em geral ao *Tratado da Emenda do Intelecto*: simplesmente, sentávamos e líamos juntos o texto. Foi nesse ínterim que, por sugestão da Marilena, foram reunidos textos a ela entregues ao final do curso de História da Filosofia Moderna I e publicados numa revista inteiramente dedicada à filosofia espinosana, lançada em setembro de 1996. Em simultâneo, ainda, realizou-se o *I Encontro de estudos sobre o século XVII*, o qual deu início à série de colóquios que até hoje são organizados pelo *Grupo*, ora sob a forma de congressos de maior porte, ora (mais frequentemente) sob a forma de jornadas dedicadas a um autor ou a um tema específico. Com o tempo, esses eventos mostraram-se de grande importância para o estabelecimento

de laços com outros estudiosos da filosofia moderna de fora da USP; processo ao qual também contribuíram muito a integração do *Grupo* à Associação de Estudos Filosóficos do século XVII e a participação de seus membros nos encontros nacionais da Anpof, especialmente no GT Pensamento do Século XVII.

Quando Marilena se engajou nas atividades do *Grupo*, as quais se estenderam do *Tratado da Emenda* para outros textos, foi quando se começou também a cogitar o projeto de uma nova tradução da *Ética*, como alternativa à tradicional versão *d'Os Pensadores* que todo mundo utilizava à época. O trabalho de tradução da obra começou em torno dos anos 2000, tendo sido precedido por testes de tradução de excertos dos *Pensamentos Metafísicos*, e contando com a colaboração de inúmeras pessoas, das mais variadas áreas do conhecimento e ramos da filosofia, que nalgum momento passaram pelo *Grupo*. Só em 2015 o resultado foi publicado pela Edusp, após ter sido capitaneado com extrema dedicação, especialmente nos momentos finais, por Luís César Oliva.

No decorrer dos anos, várias pessoas – graduandos, pós-graduandos, professores – vieram a tomar parte nos trabalhos do *Grupo*, que a partir de certo momento se estabeleceram nas terças-feiras à tarde e passaram a combinar a tradução da *Ética* e seminários. Estes, embora de início dedicados quase exclusivamente a textos ou temas espinosanos, aos poucos foram se abrindo para outros filósofos seiscentistas, numa natural contribuição dos novos integrantes; foi assim que, entre outras coisas, lemos o *Novo Órganon*, o *Tratado das Paixões* cartesiano, o *Discurso de Metafísica* de Leibniz. Após o estabelecimento de uma rotina de trabalho e intercâmbio acadêmicos e a manutenção dos *Cadernos Espinosanos*, em outubro de 2002 o *Grupo* passou a contar com auxílio da Fapesp, mediante o projeto temático *Experiência e razão no pensamento moderno* que se prolongou até janeiro de 2007, sob coordenação de Marilena Chaui e, num segundo momento, da profa. Maria das Graças de Souza.

Esse período foi particularmente importante para a configuração atual do *Grupo*. Talvez aí se possa encontrar o marco, se não de uma completa

mudança de rumo, ao menos de uma decidida ampliação de interesses e temas, a qual de resto já se pronunciava. Foi dessa forma que, sem prejuízo do original adjetivo "espinosanos" tanto em seu nome quanto no título dos *Cadernos*, o *Grupo*, por assim dizer, [*dirige*] oficialmente sua orientação para a filosofia moderna em sua inteireza; ademais, graças à diversidade de pesquisas desenvolvidas em seu interior, ao eixo metafísico que sempre o dominara, o trabalho conjunto pôde, com grande proveito, estender-se às reflexões de teor mais propriamente científico e político encontradas no interior da modernidade. Importante ainda, o auxílio da Fapesp facilitou os contatos com pesquisadores estrangeiros, que puderam visitar o *Grupo* e tomar parte nos seminários e nos colóquios, além de possibilitar imprimir com maior regularidade os *Cadernos Espinosanos*. Finalmente, foi ao longo desse período que se começou a planejar com a editora Humanitas, da Faculdade de Filosofia, uma coleção de livros dedicados ao século XVII, tanto estudos quanto traduções de fontes primárias. Os primeiros volumes da coleção *Estudos Seiscentistas* apareceram em novembro de 2004; se não me engano, ao todo saíram cinco títulos.

A partir de abril de 2008, até março de 2013, o *Grupo* voltou a contar com o apoio financeiro da Fapesp, por meio do projeto temático *Ruptura e Continuidade: investigações sobre a relação entre natureza e história a partir de sua formulação pelo Grande Racionalismo Seiscentista*. Aí, a meu ver, devemos reconhecer uma nova ampliação dos interesses do *Grupo*, novamente ocasionada pelas inflexões trazidas por seus novos membros, no questionamento das relações entre filosofia moderna e filosofia contemporânea. No meu entender, foi nesse momento que se consolidou, após a expansão para a completude do período moderno, a abertura do *Grupo* para a contemporaneidade; não custa recordar que nesses anos lemos em seminários a *Dialética transcendental* kantiana, uma parte razoável da *Ciência da lógica* de Hegel, o primeiro livro do *Capital*. Portanto, de *Grupo* dedicado a Espinosa, passou a *Grupo* dedicado aos seiscentistas e, finalmente, assentou-se o lugar dos temas e autores contemporâneos. Uma tradição que mantemos até hoje, como comprovam o perfil e os temas de trabalhos de mestrado e doutorado que foram então elaborados no interior das

atividades do *Grupo* e que abarcam um período que vai de Maquiavel até as *fake news*.

Ao longo de todo esse período, por décadas, o *Grupo* consolidou-se e, um dado notável, sempre se manteve ativo, com a frequência de um número maior ou menor de pessoas, conforme os temas abordados a cada semestre, mas a menos que eu me engane redondamente não houve desde o início dos anos 2000 até hoje um único semestre sem atividades regulares às terças-feiras. Aliás, me permitam fazer uma observação sobre a noção de "regularidade", ou antes, acerca do que gosto de denominar o "mandamento das terças-feiras". Lá no início, por muito tempo, nos reuníamos quase sempre aos sábados à tarde, na escolinha dos pais da Éricka ou nas dependências do Centro Cultural São Paulo (o que era ótimo, pois na sequência havia shows e peças de teatro a que assistíamos juntos); era o único horário que calhava de as pessoas estarem mais ou menos livres. Posteriormente, com a entrada de Marilena e de novos membros (especialmente após o mencionado curso de pós sobre o sétimo capítulo do *Teologico-político* em 97), as reuniões passaram a ocorrer na USP. Foi naquele momento que se convencionou que as reuniões aconteceriam terças-feiras às 14:00. Se me perguntarem o porquê, eu poderia mangar dizendo que é um daqueles segredos que só se revelarão no Juízo Final; mas a verdade é que deve ter calhado, em algum momento, de ser um horário bom ou menos pior para a maior parte das pessoas como antes acontecera com as tardes de sábado. O curioso é que isso, que deve ter sido estabelecido lá pelo final do milênio passado, continua inabalável até hoje. Passaram-se presidentes, não trocamos de moeda mas o câmbio variou enormemente, os regulamentos da pós-graduação mudaram várias vezes, os times de futebol ascenderam e desceram, houve uma pandemia, e não obstante tudo isso as reuniões do *Grupo de Espinosa* continuam sendo até hoje terças-feiras às 14:00. Um momento de estudo, conversa, prática da amizade, que ocupa um espaço na agenda deve ser tão rigoroso quanto o do Sabá [*Shabat*] para um judeu. Pode parecer ridículo, mas sempre achei isso um saudável exemplo de organização da vida. Não existe a coisa de alguém chegar e impor um dia e horário, não se dão surpresas; qualquer um que quiser participar das reuniões do *Grupo*, que são absolutamente abertas a

todo mundo, convém salientar, poderá planejar com muita antecedência os seus compromissos.

ÉRICKA ITOKAZU: O *Grupo* nascia da diversidade cuja importância parecia bastante clara para os integrantes. Tanto que, a cada semestre, votávamos o que iríamos estudar no semestre seguinte, e nunca nos restringimos a Espinosa ou ao século XVII, ou até mesmo à filosofia. Lembro-me que, se começamos pelo *Tratado da Emenda do Intelecto* (que hoje recebe esse título, que foi bastante discutido no *Grupo* e não à toa resultou nas traduções do Cristiano Novaes de Rezende e do Samuel Thimounier, trabalhos maravilhosos de integrantes do *Grupo*), passamos pela *Ciência da Lógica* de Hegel, pelos *Escritos Pré-críticos* de Kant, mas também me lembro que, certa vez, Marilena propôs Shakespeare, ao passo que eu propus Maquiavel. Ambas perdemos nas votações. Aliás, nunca nenhuma de minhas propostas foi vencedora, e todas as escolhas engrandeceram minha formação imensuravelmente, porque a preocupação não era *o objeto* do estudo, mas o *como* estudávamos. A parte espinosana sempre estava no "como", ou, melhor dizendo, na causa eficiente, num *conatus* coletivo, e nunca na causa final, numa meta específica ou num ganho individual qualquer. Lembro-me de quando surgiu a proposta de um GT-Anpof: a nossa proposta para o grupo temático evitou a palavra filosofia, nomeando-o "Pensamento do Século XVII". Afinal, como excluir as artes, as letras, a história e a cultura de qualquer coisa que propuséssemos?

O impacto não era na produção, seja em artigos ou teses, mas na formação de um modo de pensar que já entrelaçava diferenças temáticas, histórico-filosóficas, mas também sociais e culturais. Como não teria relação, por exemplo, o que eu estudava sobre o tempo e a duração em Espinosa com a pesquisa da Mariana de Gainza sobre o materialismo em Espinosa que passava pela discussão com Hegel ou o trabalho do Homero sobre a relação entre Descartes e Espinosa? Como deixar de estudar a questão do tempo e sua relação com a proposta da Marilena de estudar a "fortuna em Shakespeare"? O mesmo eu via se passar com os outros... Eu testemunhava as pesquisas de uns sendo referências às pesquisas de outros. A Bárbara

trazia na sua bagagem Nietzsche, Deleuze, Foucault... com quem muito aprendi e compreendi muitos dos meus preconceitos na leitura de Espinosa. A Yara de Carvalho nos mostrava a importância do corpo e como a inovação espinosana poderia trazer impacto para as pesquisas em saúde coletiva, o Henrique nos mostrava quase que plasticamente e em três dimensões o que poderia ser uma ontologia geométrica associada às artes, o que, só décadas depois foi reconhecido como um caminho possível e que chegou a virar um projeto imenso do Lorenzo Vinciguerra, do outro lado do Atlântico (projeto *Ethica. Du travail sans obstacle).*

André Rocha, Daniel Santos, José Luiz Neves ainda nos faziam enxergar imensas relações da ontologia com a política, não somente intertextual (como relacionar a *Ética* e o *Tratado Teológico-político*), mas com o mundo atual, vigente, o nosso aqui e agora. E passávamos noites falando sobre políticas públicas, estudantis, sobre a violência, sobre a pobreza, sobre processos ideológicos, sobre o Brasil. Também não é à toa que a coleção *Escritos de Marilena Chaui* foi gestada por integrantes do *Grupo*, sendo hoje reunida em eixos como *Ideologia da Competência*, *Servidão Voluntária*, *Conformismo e Resistência*, *Sobre a Violência* e o mais belo de todos, no meu entendimento, *Cidadania Cultural*, todos hoje circulando por aí.

Tudo isso para dizer que sobre o impacto do *Grupo*, eu realmente não sei avaliar. Há, por exemplo, um grupo de saúde coletiva, do qual participam Emilio Telesi Jr e Yara Carvalho, que trabalha com a formação interdisciplinar de servidores de saúde pública das mais diversas UBS e CAPS do centro e da periferia da cidade de São Paulo. Nele há uma disciplina intitulada Filosofia e Saúde do curso de residência (como a residência da medicina) vinculado ao Ministério da Saúde em que Espinosa é parte fundamental. Eu cheguei a dar aula nesse curso, e tive a honra de trabalhar junto com a Claudia Braga e Bader Sawaia. A Cláudia, também integrante do *Grupo de Estudos Espinosanos*, trabalhou na OPAS (Organização Panamericana de Saúde), hoje trabalha na OMS (Organização Mundial de Saúde) com saúde mental e violência, e recentemente integrou-se ao corpo docente da Faculdade de Saúde Pública da USP. Como avaliar o impacto

disso? Bader trabalha com movimentos sociais populares há décadas, sendo uma das primeiras que pesquisou Espinosa numa perspectiva marxiana já integrada aos movimentos sociais... Como avaliar os impactos da formação daqueles servidores que estão lá na ponta, em UBS e CAPS realizando políticas públicas de saúde física e mental das periferias da cidade? Para mim, muitos dos membros do *Grupo* compreendem o termo "extensão universitária" de modo diverso daquele definido formalmente, algo mais intrínseco à própria formação universitária e profundamente verdadeiro. Um dos exemplos maiores do que gostaria de explicar foi a realização do Colóquio Internacional Spinoza organizado pela nova geração do *Grupo de Estudos Espinosanos* na Escola Nacional Florestan Fernandes do MST. Eu nem vou descrever o que foi o impacto desse encontro em cada um de nós... e não sei como agradecer a esta linda e nova geração pelo grande feito.

Há certamente o impacto em âmbito universitário, se pensarmos que o *Grupo* realizou a tradução coletiva da *Ética*, publicada pela Edusp, que considero a mais bela edição desta obra de todos os tempos, pois parece mesmo que estamos folheando um livro do século XVII e que não é um fac-símile, mas sim resultado de um trabalho de edição maravilhoso do Henrique Xavier. Podemos lembrar também a coleção espinosana da Autêntica que já tem traduções várias e de referência para estudos em Espinosa (o *Breve Tratado*, o *Princípios da Filosofia Cartesiana e os Pensamentos Metafísicos*, a *Correspondência com Oldenburg*, o *Tratado da Emenda do Intelecto* que ainda ousou incluir parte da obra de Tschirnhaus), os *Cadernos Espinosanos* etc. Mas não sei qual é o impacto do trabalho do Daniel Santos, agora professor da paranaense Unespar, do Fran Alavina, professor na Federal dos vales do Jequitinhonha e Mucuri, do Marcos Ferreira de Paula na Unifesp de Santos, dos tantos de nós espalhados no país e fora dele como a Mariana de Gainza, na Argentina. Esse "nós" ainda persiste porque nasceu mesmo do que há de mais precioso: a amizade associada a essa história de formação conjunta que partilhamos com tanta alegria. Ao Luís César Oliva, aliás, devo um agradecimento infinito, porque estou certa de que, se o *Grupo de Estudos Espinosanos* ainda existe e mantém o seu espírito originário, persistindo por

décadas, é devido a ele, sem nenhuma dúvida. De certo modo, sinto sempre que tenho em São Paulo um centro de fortaleza, um símbolo e um lugar onde sempre me reconheço quando me perco de mim mesma, por conta da resistência do *Grupo de Estudos Espinosanos*, que constitui a parte mais importante e significativa da minha vida universitária e ao qual serei sempre e eternamente grata.

FERNANDO DIAS ANDRADE: Eu ingressara na Filosofia-USP em 1991 (já desejoso de, um dia, estudar mais a fundo, ali mesmo, a Filosofia do Direito) e iniciara meus estudos de Direito (na FDSBC) em 1992. Em 1993 me desencaminhei e em 1994 desmoronava quando fui literalmente salvo do abismo da culpa pelas aulas de Marilena Chaui (e outros), cuja genialidade me encheu de força para insistir na busca da verdade, na vida filosófica, na vida, enfim. Ter sido apresentado, já em 1994, ao *Tratado político* de Espinosa por Marilena Chaui foi decisivo para que eu iniciasse tanto meus estudos rigorosos sobre a história do jusnaturalismo quanto o que seria meu vínculo indissolúvel com a filosofia espinosana do Direito. Em seguida, já no *Grupo de Estudos Espinosanos*, eu sempre poderia apresentar as amostras daqueles meus primeiros passos nessa caminhada espinosista pelo Direito, e sempre poderia receber, da parte de meus colegas e amigos no *Grupo*, críticas e questionamentos preciosos para o desenvolvimento de minhas pesquisas. Sim: eu encontrei no convívio acadêmico com os colegas do *Grupo de Estudos Espinosanos*, e com a eterna orientação de Marilena Chaui, o estímulo e o reconhecimento que não tinha no resto do curso.

No que me diz respeito, em particular, aos anos de 1995 a 1997 – ou seja, os anos iniciais – foram aqueles nos quais participei mais ativamente e frequentemente das atividades do *Grupo de Estudos Espinosanos*, pois neles eu ainda estava em São Paulo a terminar a graduação. A presença de Marilena Chaui em absolutamente todas as atividades do *Grupo de Estudos Espinosanos* era por si só uma experiência formativa complementar e constante. Fazendo uma analogia com os cursos de Medicina, era como se cumpríssemos, para além de nossa graduação uspiana em Filosofia, uma

residência "marilenista" no Seiscentos. Foi principalmente ali, nas reuniões do *Grupo de Estudos Espinosanos*, que aprendi ainda mais a fundo o que era ler estruturalmente e criticamente um texto, qual era a importância da história da própria tradição do nosso departamento de Filosofia, o que era reconhecer o contexto relevante para a compreensão do conteúdo de um pensamento original fixado num texto de Filosofia; e, principalmente, foi no *Grupo de Estudos Espinosanos* que eu tanto confirmei meu desejo de transformar minha vida numa vida filosófica – uma existência dedicada à Filosofia – e, para todo o sempre, tornei-me um *espinosano*. Mais que um espinosista, um espinosano: mais que um interessado em tornar-se especialista na filosofia de Espinosa, alguém libertado pela filosofia espinosana e transformado por ela. Sem Marilena Chaui ali a nos iluminar por tantas sendas tortuosas, isso não teria sido possível; digo, viável.

À época, a minha experiência profissional envolvida com o Direito deu-se ou no TRT ou na FIESP. Em 1995 fui atendente judiciário no Tribunal Regional do Trabalho em São Paulo e em 1996 fui auxiliar administrativo na FIESP, atividades que me mostraram tanto a prática jurídica como os bastidores da política. Foi ali, e não nos livros, que testemunhei de forma crua o que é o poder – uma vivência que muito me ensinou a respeito do lado nefasto da administração das decisões jurídicas ou econômicas. A prática jurídica e a política corporativa são incompatíveis com qualquer noção filosófica de justiça, o que me causava grande frustração. Porém, em contraponto a tais experiências desalentadoras, o *Grupo de Estudos Espinosanos* era o meu escape para o mundo do estímulo ao livre pensamento, ao compartilhamento das boas ideias e ao cultivo da esperança na verdadeira política, ou seja, uma vida filosófica de elogio à democracia. Assim, quanto mais o TRT me fazia desgostar da insensibilidade que acompanha a burocracia judicial, mais eu me interessava pela Filosofia como meio de recuperar a dignidade da Justiça; quanto mais a FIESP me oferecia as oportunidades da Administração, mais eu me inclinava a converter-me num frugal professor de Filosofia do Direito. No ano de 1997 eu já me dedicava integralmente à Filosofia e o meu objeto diuturno de inquietação era a Filosofia do Direito – ou, mais exatamente, a filosofia do Direito de Espinosa.

Acabada a graduação, imediatamente tornei-me professor de Filosofia no ensino superior, em faculdades de Direito. É assim que, entre 1997 e 2002, minha atuação como professor de Filosofia em cursos de Direito (Franca em 1998-1999, Uberaba em 1999, São Bernardo do Campo em 2000-2002) foi essencial para dar concretude à minha reflexão espinosista acerca do Direito. Meu doutorado foi desenvolvido (a princípio como mestrado, mas convertido para doutorado direto pelo meio do caminho) entre 1998 e 2000 ao lado daqueles primeiros anos como professor de Filosofia do Direito e, se por um lado a atividade profissional como docente em instituições privadas obviamente me tomava horas importantes da minha atividade como pesquisador e escritor, era o *Grupo de Estudos Espinosanos* – para além das aulas da pós, por exemplo – o meu principal vínculo institucional e regular com minha *alma mater* uspiana e com o universo dos seiscentistas brasileiros.

Assim, a partir de 1998, ou seja, desde quando me mudei para Ribeirão Preto (para lecionar na Faculdade de Direito de Franca – SP), eu diria que passei a ser um integrante autoexilado do *Grupo de Estudos Espinosanos*. Eu voltava a São Paulo semanalmente para ter aulas na pós-graduação e participar das reuniões do *Grupo* e, quando não podia acompanhar algumas reuniões (presenciais; não existia videochamada), realizava por mim mesmo os estudos complementares do *Grupo* . Em 1999 minha atividade como professor no interior tornou-se mais intensa e, naquele ano, pouco acompanhei as reuniões presenciais. Até participei do *III Encontro* (na Maria Antônia), mas infelizmente aquele distanciamento me impediu de acompanhar mais de perto a finalização e lançamento do primeiro volume d'*A nervura do real*, de Marilena Chaui.

O *Grupo* ocupou seus anos iniciais, até 2000 ou 2001, a exclusivamente tratar de Filosofia do século XVII. Ainda era esse o espírito, por exemplo, desde que fora criado, no âmbito da Anpof e por incidência do *Grupo*, um GT Pensamento do Século XVII (com atuação consolidada já no Encontro em Poços de Caldas em 2000), e ainda à altura do Encontro sobre o Século XVII realizado em setembro de 2001 na UFPR.

Porém, e porque não só nossa coordenadora era – e é – uma das principais

filósofas da Política e como tantos no *Grupo* também tinham tal inclinação (eu inclusive, ainda que eu tratasse – e trate – de política pelas lentes do Direito), os componentes sempre presentes das atividades do *Grupo*, muitos deles graduandos que traziam novos temas para a reflexão, decidiram direcionar as pesquisas e discussões do *Grupo de Estudos Espinosanos* também para a Filosofia política (no caso, uma Filosofia política contemporânea, e não tanto uma historiografia da Filosofia seiscentista da Política). Tal era feito às vésperas do que viria a ser a primeira eleição do presidente Lula, e o clima dos textos e discussões decorrentes de tal decisão evidenciava desde o início uma aberta expressão marxista. Ou seja: sem perder de vista o desenvolvimento dos estudos sobre o século XVII, o *Grupo* passou a se preparar para um dia também produzir estudos marxistas de Filosofia política. Para tal, o preparo foi extremamente metódico: nesse flanco "contemporâneo" incorporado pelo *Grupo de Estudos Espinosanos*, em lugar de já ingressar, p.ex., numa leitura d'*O Capital* de Marx, dedica-se pacientemente a começar pelo Idealismo Alemão: leu-se Kant, depois Hegel, depois finalmente Marx.

Até o momento, o *Grupo* preserva uma dupla orientação: dedica-se tanto aos estudos sobre o século XVII – sua inclinação originária – quanto às reflexões sobre a política contemporânea – seu irresistível acréscimo. Embora quase todos os seus membros ativos sejam marxistas e o *Grupo de Estudos Espinosanos* funcione, na prática, como um Grupo *marxista* de Estudos Espinosanos, essa perspectiva política tende a influenciar a interpretação da filosofia de cada autor seiscentista mesmo no flanco exclusivamente dedicado ao Seiscentos. Receio que um dos efeitos dessa guinada política seja o afastamento, salvo melhor juízo, da diligência própria dos historiadores da Filosofia do século XVII. O mesmo desvio ocorreria se o viés dominante fosse liberal. A meu ver, o problema reside na perda de rigor historiográfico quando se substitui a análise estrutural pela obsessão pelo contexto. Idealmente, cada pesquisador deveria cumprir dupla função: manter o compromisso com uma filosofia política militante e, simultaneamente, exercer a atividade de historiador da Filosofia, preservando o acesso rigoroso à estrutura interna dos textos estudados. Abandonar o estruturalismo em

favor do só contextualismo corre mesmo o risco de contribuir para a redução do espaço dedicado à História da Filosofia nos departamentos de Filosofia.

Apesar desta minha crítica pontual, reconheço o quanto o trabalho do *Grupo* no interior dessas discussões sobre política contemporânea é importante para lembrar-nos sempre da utilidade de ouvir-se a indignação política popular que se exprime no interior e para além da universidade. As reflexões políticas dos membros do *Grupo* são sempre férteis, mesmo quando refutáveis ou partidariamente enviesadas, ou seja: são questões que incitam novas questões, e é exatamente isso que mantém vivo o fazer filosófico.

CRISTIANO NOVAES DE REZENDE: No segundo semestre de 1996, em alguma das reuniões semanais do *Grupo*, expus meu recém-aprovado projeto de mestrado, ocasião na qual, pela primeira vez, apresentei a tese de que as perguntas de Tschirnhaus a Espinosa, nas últimas cartas, configuravam versões paralelas – na extensão e no pensamento – do problema do Um e do Muitos; tese que só vim a desenvolver plenamente em meu doutorado, do qual derivei uma versão concisa do argumento, que também publiquei mais tardiamente nos *Cadernos*. Ou seja, já havia se estabelecido, nesses semestres de 1996, essa economia de saudável alimentação recíproca entre os encontros do *Grupo*, os eventos e as publicações. Já estava constituído, aliás, o modo geral de funcionamento do *Grupo*: encontros que variavam entre a leitura do texto de Espinosa e apresentações de projetos e trabalhos individuais, que vinham de pequenos eventos ou iam para pequenos eventos (na minha cabeça, inspirados pela experiência seminal do congresso ocorrido em Águas de Lindóia). Através desse movimento, os textos apresentados amadureciam através da apreciação coletiva – no *Grupo* e/ou nos eventos – e, assim, ganhavam robustez para serem propostos aos *Cadernos*.

Não me lembro bem, mas acho que, como os *Cadernos* davam bastante trabalho e precisavam de uma comissão editorial *oficial* (já que usavam dinheiro da Universidade), foram essas exigências que, pouco a pouco, também exigiram a maior institucionalização do *Grupo*. Éramos bastante

resistentes a essa institucionalização, justamente porque não queríamos perder aquela espontaneidade e horizontalidade autogestionária dos encontros na escolinha da família da Éricka. Não queríamos que os *Cadernos* fossem um espaço para "caçadores de pontos para o currículo" e gostávamos de seu aspecto quase artesanal, que guardava alguma referência aos fanzines dos movimentos urbanos. Não sabíamos, mas isso já era um gesto de resistência à "lógica da Universidade de Resultados" que começava sua transição para a "Universidade Operacional". Mas a necessidade de uma divisão sistemática dos trabalhos e da assunção de responsabilidades institucionais pelo dinheiro público, bem como os compromissos com a regularidade da publicação (que impactavam sobre a regularidade dos eventos e outras atividades que os alimentavam) foram empurrando o *Grupo* – a contragosto – para uma institucionalidade cada vez maior. Mas esse "contragosto", a despeito da resignação diante das exigências da realidade universitária ao redor, perseverou metamorfoseado em certo *espírito*, um espírito muito diferente do de outros grupos da USP que já nasceram sob a ambição de, o quanto antes, se institucionalizarem. Aliás, como a Éricka gosta de lembrar, no começo a própria Marilena não fazia parte do *Grupo*! E foi só mais para frente que ela passou a frequentar as reuniões. Para se ter uma ideia, e como lembrado pela Éricka, a participação dela chegou a ser votada. E quando ela começou a participar, não foi para se apoderar do que já existia e sim para *tomar parte*. Quando ela ofereceu os originais do primeiro volume de *A Nervura do Real*, então em fase de redação, como material de discussão, ela o fez mais ou menos do mesmo jeito como nós apresentávamos nossas produções individuais; e quando começamos a fazer as reuniões de tradução da *Ética*, ela – em estilo de "chefe guarani" – nunca assumia a voz de autoridade (por mais que nós às vezes quiséssemos que ela o fizesse). Era tudo verdadeiramente marcado por um *ethos* cooperativo.

Se vale para o *Grupo* o que Espinosa ensina sobre os processos fundadores de uma sociedade, que instituem um fundamento, um princípio ao qual – em estilo maquiaveliano – de tempos em tempos é preciso retornar, como a um princípio ubíquo e contemporâneo a todo o decurso histórico daquela sociedade, então posso dizer que, por mais institucionalizado

que o *Grupo* tenha se tornado, nele ainda vigora – e que vigore sempre! – a força suave da luz das tardes de sábado, incidindo sobre nossas conversas, entusiasmadas, acolhedoras e informais, à mesa de uma sala de aula, numa pequena escola familiar de Educação Básica, em um bairro longínquo da cidade de São Paulo.

Sobre a expansão do *Grupo*, ele sempre foi expansivo desde sua concepção dos encontros semanais, dos eventos e dos *Cadernos*. Assim como os *Cadernos*, também os eventos não eram o ponto final de uma filtragem da qual só restavam "os eleitos" ou "os melhores". As páginas da publicação e as mesas de exposição nunca foram pódios para vencedores, mas sim instrumentos e exercícios intelectuais de aprimoramento gradual e progressivo de membros de uma comunidade de fronteiras difusas, nas quais o dentro e o fora eram programaticamente indeterminados (como os limites de um bosque, para lembrar aqui uma imagem de Deleuze). Aliás, nunca era muito definido *quem era do Grupo*. Era do *Grupo*, num determinado momento, quem efetivamente *tomava parte* em alguma, em várias ou em todas as suas *ações*. Eu poderia evocar aqui um conceito – algo sartreano – de *grupo de trabalho*, mas, como sou adepto do estilo *high-low*, prefiro evocar a fábula infantil da *Galinha Ruiva*. Conhecem? Pois então, eu sempre disse – a Éricka há de se lembrar – que éramos galinhas ruivas: é do *Grupo* quem em grupo semeia o trigo, quem em grupo debulha o trigo, quem em grupo faz a farinha; faz a massa, assa a massa e faz o bolo. Quem não cooperou não come o bolo. Se a galinha vermelha tudo produz, a ela tudo pertence. Sem lugar para "especuladores".

Então, assim como se passa na concepção espinosana de indivíduo, partes iam, partes vinham, mas o *Grupo* permanecia o mesmo... justamente porque sua mesmidade, sua identidade, nunca foi uma identidade fixa, rígida, "identitária", do tipo: ou você é *tal* e *tal* ou então está fora! Não. Menos adjetiva e mais adverbial, a identidade do Grupo era seu trabalho; ou talvez menos ainda: um *jeito* autogestionário e cooperativo de fazer vários trabalhos diferentes e abertos à diferenciação contínua, inclusive temática. Por isso, nunca se tornou prevalente o sentimento de risco de "invasão" ou de

"absorção" do *Grupo* por "outros grupos". Parcerias temporárias expandiam o todo ou o dividiam em diversas equipes e frentes de trabalho que guardavam o mesmo *modus operandi*, ele próprio flexível e multitudinário. E também por isso não havia uma preocupação com temas "castiços". Na escolinha da família da Éricka, quando o *Grupo* realizava suas primeiras reuniões, o texto era mais um centro de gravitação do que um calabouço (um *calaboca* para assuntos outros). Pois então: acho que esse DNA nunca se perdeu. Embora, sim, em certo momento ele tenha corrido o risco de se perder.

Eu mesmo "saí" do *Grupo*... sem nunca haver propriamente saído. O *Grupo* era muito aberto. Tanto nos eventos quanto nos *Cadernos*, aceitávamos participações sobre diversos temas e autores, bastando que a apresentação ou o artigo procurasse sinceramente dialogar em registro acadêmico com a filosofia de Espinosa em particular ou com a do século XVII em geral. Aristóteles, Zabarella, Hegel, Marx, Nietzsche, Freud, entre outros, frequentavam falas e textos que acolhíamos de bom grado, vindos de outras Universidades do Brasil ou de outros grupos do próprio Departamento. Com isso, variados elementos teóricos e atitudinais foram se somando ao conjunto mais antigo. Ao mesmo tempo, esse crescimento naturalmente ia exigindo mais espaços de participação e, por consequência, mais demandas administrativas e burocráticas. Chegamos a um ritmo em que alternávamos anualmente entre um evento nacional e um evento internacional, o primeiro, grande, o segundo, bem grande. Eu mesmo organizei um colóquio internacional, em companhia do finado Moysés Floriano Machado Filho: o 5º *Colóquio Internacional de Estudos do Século XVII - Experiência e Razão*, em 2003. Foi patogenicamente desgastante, sob muitos aspectos! O colóquio foi feito como um evento da Associação Nacional de Estudos Filosóficos do Século XVII e também estava ligado ao projeto temático *Experiência e Razão no Século XVII*, financiado pela Fapesp. Pesquisadores de peso vieram de todo o Brasil e do exterior. Tudo isso dava bastante visibilidade e prestígio ao *Grupo* que, assim, também passava a atrair mais e mais membros, num ciclo que se autoexpandia, nem sempre agregando gente com real interesse no estudo da primeira modernidade, ou de suas origens e desdobramentos. Ademais, como muita gente também se aproveitava de nossas

portas abertas para, acima de tudo, se aproximar da Marilena, houve quem se preocupasse em estabelecer mediações nesse acesso, o que contribuiu para atenuar a informalidade e a horizontalidade dos primeiros tempos. Assim, ao lado daquela lógica do "pertencimento por advérbios", própria às equipes de trabalho, começaram a despontar – pelo menos a meu ver – atitudes mais "adjetivadoras" e certa preocupação quanto a interações dos membros individuais com membros de tais ou quais outros grupos do Departamento. E eu, que sempre fui, sou e serei uma criatura diatópica, um ornitorrinco, pensei: será que viramos, como se diz, uma igrejinha ou panelinha, ou melhor, um panelão? Meu gosto pela lógica, pela filosofia e pela filologia antigas – trazido das priscas eras de minha graduação na Unicamp – que, até então, era tido como um tempero enriquecedor, algumas vezes chegou a ser questionado como uma suposta "aristotelização de Espinosa". Recordo-me de um seminário em que eu estava retomando e usando a interpretação que os spinozistas cariocas fazem da *ideia* em Espinosa como dotada de uma estrutura proposicional e judicativa. Uma pessoa presente na ocasião, ao ouvir a palavra "proposição", apitou como um detector de metais no aeroporto em busca de possíveis artefatos terroristas invasores: "olha – disse a pessoa, queixando-se de meu vocabulário exógeno ao idioma identificador de pertencimento – não tem proposição em Espinosa!". Ao que eu tive que responder: "até onde sei, só na Parte I da Ética tem 36...". Época difícil.

Então eu "saí". Fui terminar meu doutorado sobre a recepção da lógica aristotélica na teoria da definição nas primeiras obras de Espinosa, num contexto em que as palavras "Aristóteles", "lógica", "predicação" ou "silogismo" não fossem anátemas. Conversei com a Marilena sobre minha necessidade teórica de compreender mais detidamente a lógica do Aristóteles. Ela me perguntou: "você não pode aprender isso aqui no *Grupo*?" E eu – com um chiste inspirado por algum bom *daimon* – respondi o seguinte, tirando partido do então recém-lançado *Episódio III* de *Star Wars*, que eu sabia que ela conhecia e apreciava: "não, Marilena, *not from a jedi*". Ela riu e disse que as portas estavam abertas para mim quando eu quisesse voltar. Fui trabalhar com o Luiz Henrique Lopes do Santos. Fui o primeiro mestrando da Marilena em Espinosa... e fui desenvolver meu doutorado, no

Departamento, sobre Espinosa, sob a orientação de outra pessoa. E mesmo assim a Marilena, gigante, me ajudou decisivamente em minha qualificação e me arguiu tão rigorosa quanto gentilmente em minha defesa da tese. O conteúdo da tese – que ela conhecia desde a qualificação; na verdade, desde nossa primeira conversa em 1995 – tinha bastado para que ela soubesse que os trabalhos do *Grupo* nunca deixaram de trabalhar em mim. E depois ela me acolheu, servindo – por assim dizer – "novilho cevado", quando senti que era hora de me reaproximar do *Grupo*. Isso deve ter sido por volta de 2009, numa apresentação que fiz sobre a relação da teoria espinosana da definição genética com a definição demonstrativa nos *Segundos Analíticos* de Aristóteles. Lembro-me que foi numa ocasião em que o Vittorio Morfino estava presente na USP, e que, depois de minha apresentação, saímos todos para um encontro festivo que durou quase até o sol raiar. E então já eram outros tempos. Que isso sirva de exemplo para ilustrar o caráter, digamos, *academicamente laico*, do *Grupo*, que resistiu a ser cooptado pela lógica das igrejinhas universitárias.

A tradição cooperativa, acolhedora, inclusiva das diferenças (que incluía até ornitorrincos), *laica* no sentido acima especificado, bem como a prática de pensar *com o texto* e não somente *o texto*, cultivada pelo *Grupo*, é, a meu ver, um antídoto contra certas falácias – à esquerda e à direita – na atual guerra cultural. A concepção de identidade individual de Espinosa, que o *Grupo* encarna, na qual a identidade não é o oposto da diferenciação e da inclusão, e a individualidade não é o oposto de uma coletividade dinâmica de partes, de partes de partes*, ad infinitum ad intra et ad extra*, é o seu *modus agendi* e uma forma de resistência aos acontecimentos no contexto da política nacional e mundial.

LUÍS CÉSAR OLIVA: A expansão se deu por dois movimentos complementares. De um lado, o poder de atração do *Grupo* e de suas atividades, somado ao privilégio de conviver semanalmente com a cultura e a generosidade da Marilena, começou a atrair gente que estudava outros temas e períodos, lembrando sempre que, até o começo dos anos 2000, a prática de grupos de

estudo e pesquisa não era tão disseminada e estabelecida no Departamento como é hoje. A começar pelos próprios orientandos da Marilena que estudavam estética (Alex Calheiros, Marinê Pereira, Cauê Alves, Henrique Xavier) e filosofia contemporânea (Silvana Ramos, Sandro Kobol, José Luiz Neves e, mais à frente, José Marcelo Siviero e Thiago Dias), mas queriam participar daquela experiência de formação no grupo seiscentista. A eles se juntaram outros orientandos de Maria das Graças de Souza (Douglas Barros, Antônio Pereira, Patrícia Aranovich) que estudavam o Renascimento e o século XVIII.

De outro lado, os próprios espinosanos originais começaram a buscar os desdobramentos contemporâneos da filosofia moderna, como foi o caso de Homero Santiago, a esta altura já professor da USP, que se voltou para a obra de Antonio Negri (e, mais recentemente, a da própria Marilena). A vinda de Mariana de Gainza para fazer o doutorado na USP, somada às visitas do professor italiano Vittorio Morfino, ampliaram o interesse nas conexões de Espinosa com autores como Althusser, Deleuze e Simondon. Em suma, entre movimentos dos "contemporâneos" que entravam e dos "seiscentistas" que olhavam para fora, foi quase unânime a abertura das pesquisas. Tanto assim que, no final dos anos 2000 conquistamos um novo projeto temático Fapesp, chamado *Ruptura e Continuidade: investigações sobre as relações entre natureza e história a partir de sua formulação pelo Grande Racionalismo seiscentista*, agora bem mais abrangente, tanto em direção ao Renascimento quanto à contemporaneidade. Nesse contexto, fizemos seminários sobre Kant, Hegel, Marx, Merleau-Ponty, Deleuze, revezando com Maquiavel, Hobbes e Espinosa.

Essa diversificação foi fundamental para ampliar a luta contra a especialização excessiva na formação dos alunos, bem como para aprofundar as relações com outros grupos internacionais que já estudavam os modernos, e especialmente Espinosa, com esta perspectiva, sem que se perdesse o rigor da leitura e a inserção dos filósofos seiscentistas no debate de sua própria época. É verdade que, no mesmo período, diminuiu a quantidade de estudos vinculando filosofia e ciência moderna, prática corrente entre nós nos

anos 90, quando o trânsito com as pesquisas da área de história da ciência, capitaneadas pelo professor Pablo Mariconda, eram mais frequentes. Em contrapartida, ampliamos o debate com novas áreas, como a psicologia (por meio de colegas como David Calderoni, Douglas Balila e, bem depois, Fátima Bertini) e pedagogia (sobretudo com Fernando Bonadia). Se hoje membros do *Grupo*, como as professoras Tessa Lacerda e Silvana Ramos, fazem uma ponte inovadora da filosofia moderna com o feminismo contemporâneo, por exemplo, isso se deve em grande parte àquela abertura de horizontes realizada no fim dos anos 2000. Também foi essa abertura que facilitou nossa participação nos debates que se seguiram à crise política brasileira, a partir de 2013, a despeito da fragmentação estabelecida na filosofia acadêmica no mesmo período, cuja tendência era deixar cada pesquisador preso ao seu quadrado, sem olhar para fora. Igualmente neste espírito de abertura para trás e para frente, agora com nítidas cores políticas, conquistamos um terceiro projeto temático Fapesp, *Poder e conflito*, recentemente concluído.

TESSA LACERDA: Lembro-me da proposta de Marilena para estudarmos, primeiro, alguns temas sensíveis do espinosismo, como por exemplo a questão do estatuto dos atributos em Espinosa, que comporta diferentes interpretações e divide os comentadores; e, depois, para estudarmos temas como "verdade", "história", entre outros, em cada um dos filósofos do XVII que eram objetos de pesquisas individuais dos membros do *Grupo de Estudos Espinosanos*. Isso foi ainda no final da década de 90 e início dos anos 2000. Essa reflexão sobre temas importantes do XVII foi realmente formativa. Agora já estávamos quase todos no mestrado. Mais tarde, com o ingresso de novos membros no *Grupo* e, particularmente, de Mariana de Gainza, que veio de Buenos Aires para fazer uma pesquisa sobre Espinosa e Hegel, os temas de filosofia contemporânea passaram a fazer parte do repertório do *Grupo*. Houve um momento em que o *Grupo* inteiro leu autores distantes do XVII, como Kant e Hegel, entre outros, lembro-me particularmente de dois momentos: o semestre dedicado à leitura da obra de Claude Lefort, que

gerou discussões sempre muito intensas e a presença de outros professores do Departamento, como Sérgio Cardoso e Maria das Graças; e o semestre dedicado a Gilles Deleuze, no qual lemos vários livros do filósofo e dentre eles *Espinosa e o problema da expressão*, leitura que se tornou importantíssima em minha própria interpretação da expressão em Leibniz. Depois, com a consolidação da presença de pessoas que estudavam filosofia contemporânea, orientadas por Marilena, o *Grupo* passou a dividir as reuniões semanais: na primeira metade, de 14h às 16h, estudávamos autores do XVII (Espinosa, Descartes, Leibniz, Hobbes, Pascal, Locke), na segunda, de 16h às 18h, autores contemporâneos. Mas as reuniões sobre filósofos modernos sempre se alongavam e "espremiam" o tempo de estudo da contemporaneidade, então passamos a alternar as reuniões, a cada quinze dias um moderno, a cada quinze dias um contemporâneo.

É difícil dimensionar como essa trajetória do *Grupo* impactou cada um de seus membros, então falo do impacto que causou em minha própria formação: assim como o primeiro momento de dedicação exclusiva a Espinosa e outros autores do XVII foi determinante para minha própria pesquisa e para a maneira como interpreto a filosofia do XVII de modo geral e o pensamento de Leibniz em particular, a ampliação da gama de autores estudados pelo *Grupo*, com a entrada de discussões em torno da filosofia contemporânea, foi fundamental para colocar em perspectiva a própria filosofia do XVII e trazer as reflexões de história da filosofia para uma reflexão sobre a contemporaneidade.

MARIANA DE GAINZA: Eu cheguei ao *Grupo de Estudos Espinosanos* no ano de 2003. Viajei no segundo semestre de 2002 a São Paulo, a partir de Buenos Aires, para fazer as provas de ingresso para a pós-graduação em filosofia, e me mudei para o Brasil em janeiro de 2003. Em março daquele ano, comecei a participar das reuniões semanais do *Grupo*, que ocorriam às terças-feiras. Naquele primeiro semestre, eu me lembro de que o texto que se trabalhava eram os *Princípios da Filosofia* de Descartes. A cada terça alguém preparava os trechos selecionados para esse dia e, após a apresentação, iniciava-se a conversa.

Naquele tempo, o *Grupo* se concentrava no racionalismo seiscentista (Espinosa, fundamentalmente, mas também Descartes, Leibniz, Locke). Minha pesquisa de doutorado era sobre Espinosa, mas não tanto da perspectiva de uma "história da filosofia" clássica, mas de um ponto de vista contemporâneo. Eu chegava de uma Argentina que tinha atravessado a grande crise de 2001, ou seja, a revolta popular que tinha destituído o governo de [Fernando] De La Rúa e que tinha acabado com a legitimidade das reformas neoliberais dos anos 90.

A minha formação havia sido em sociologia e em uma faculdade (Ciências Sociais, da UBA) muito politizada, em tempos, aliás, bem críticos (anos 90). Então, minha passagem foi das ciências sociais para a filosofia. Ou de Marx (via Althusser) para Espinosa. A relação entre filosofia e política, entre ciências sociais e humanas e conjuntura latino-americana, era vivida de um modo meio "natural" para nós. Nossos professores na carreira de sociologia eram sobreviventes, a maioria retornados do exílio. Vários dentre eles eram filósofos, pois a faculdade de Ciências Sociais era mais "aberta" que a faculdade de Filosofia e Letras aos "filósofos politizados ou militantes".

Eu escolhi estudar em São Paulo, pois tinha escutado uma belíssima conferência da Marilena em Buenos Aires, acho que no ano 2000. Ela tinha publicado *A Nervura do Real* em 1999, e com nosso grupinho de amigos espinosanos de Buenos Aires tínhamos conseguido o livro, e nos juntávamos para lê-lo (depois de ter passado anos lendo a *Ética*, todos os finais de semana, de maneira autodidata). Pois bem: Marilena viajou a Buenos Aires nesse impressionante tempo de mudança de século, a convite de nosso professor mais querido, o grande Horácio González (que tinha se exilado em São Paulo no tempo da ditadura argentina).

MARCOS FERREIRA DE PAULA: Quando eu cheguei ao *Grupo*, em 2004, ele já existia há quase dez anos. Para mim, particularmente, essa ampliação de horizontes teóricos foi de extrema importância, pois eu vinha das ciências

sociais. Tinha feito inclusive um mestrado em sociologia da religião. Então eu não tinha tido formação em filosofia. Na época, cheguei a prestar novo vestibular na Fuvest e me matriculei no curso de filosofia – isso foi em 2006 –, mas as atividades do doutorado não me deixavam tempo para fazer o curso, e eu também não estava muito desejoso de encarar uma outra graduação. O fato é que acabei fazendo o meu "curso de filosofia" no próprio *Grupo*. Lembro-me de termos estudado Descartes, Leibniz, Malebranche, Pascal, mas também Kant, Deleuze e Marx, dentre outros. Foi uma verdadeira formação, para mim, só que numa dinâmica mais rica do que o formato das aulas de graduação.

SILVANA DE SOUZA RAMOS: O *Grupo de Estudos Espinosanos* já era conhecido e cobiçado por estudantes de pós-graduação em Filosofia da USP quando passei a frequentar seus seminários, por volta de 2004. Eu estava preparando um projeto de doutorado sobre Merleau-Ponty e Descartes sob orientação de Marilena Chaui, então minha orientadora de mestrado. Entrei por curiosidade, sabia que ali eram realizadas leituras rigorosas de textos do século XVII. O *Grupo* contava com alguns membros mais antigos, alguns deles responsáveis por sua fundação (Luís César Oliva, Homero Santiago, Éricka Itokazu, Tessa Lacerda, Eduardo Baioni, Luciana Zaterka, entre outros), mas já havia novos integrantes, com os quais logo me enturmei: especialmente Mariana Gainza e Henrique Xavier. A presença dos "novos" logo sugeriu uma ligeira mudança na programação dos seminários: fomos nós que trouxemos definitivamente a pauta das filosofias contemporâneas ao *Grupo*. Esse movimento começou com a leitura do Espinosa de Deleuze e se prolongou com seminários sobre Merleau-Ponty, passando por estudos sobre Kant e a psicanálise, sobre Hegel e Lebrun. Aprendi muito nessa época, fiz muita coisa. Organizei seminários e eventos, participei de colóquios em Córdoba, na Argentina, publiquei diversos artigos nos *Cadernos Espinosanos* (o primeiro em 2006, sobre Descartes e Merleau-Ponty; em 2007, publiquei um artigo sobre negação e objetividade na *Crítica da Razão Pura*; e nunca mais parei de publicar nessa revista; acabei me tornando uma

de suas editoras, função que exerço até hoje). O *Grupo* me acolheu; nele eu me descobri filósofa. Foi ali que minha formação em filosofia se consolidou. Foi ali que descobri a alegria de Espinosa, a potência de Marilena Chaui e o vigor do trabalho coletivo. Que venham mais trinta anos!